Crítica // Cavalo selvagem nove ★★★★

Sem o medo de viver

Ricardo Daehn

DISNEY



Cavalo selvagem nove: John Malkovich em show de interpretação

O personagem Chris, central na trama do novo filme de Martin McDonagh (de Três anúncios para um crime), parece poço profundo para o talento de John Malkovich, vencedor da Taça Volpi de melhor ator no último Festival de Veneza. Com fixação em dinossauros (e cavalos), o agente da CIA que ele interpreta é uma fagulha para um incidente diplomático, na calma Ilha de Páscoa, às vésperas do golpe contra Salvador Allende, no qual convive com o colega Lee (Sam Rockwell), sob as ordens do chefe MJ (Steve Buscemi) que ele tacha como dependente químico.

Com Pablo Larraín entre os produtores, o misto de western e fita de espionagem vem com a acidez vista em Os banshees de Inisherin apontando ainda para companheirismo, uma onda pessimista, desrespeitos e camadas de arrependimentos. Fã de Hank Williams, e inserido numa realidade de frieza extrema e incertezas, Chris pretende eternizar as memórias de uma vida de missões perigosas (que incluiu o crime contra o líder congolês Patrice Lumumba e a ação na Baía dos Porcos) e de amalucadas teorias loucas que tratam da gênese de países gays (hilário, ele cita Suíça, França e Holanda), da origem da bomba Molotov (na Finlândia) e da desestabilização de democracias internacionais.

A expressividade dos atores está em todos os cantos: desde os olhos de Mariana di Girolamo (a assustada Mônica, na trama) e até nos braços do compulsivo Chris, passando ainda por Tom Waits e Parker Posey (a esposa alcoólica de Lee). Quase como cúmplice num suicídio assistido, Lee verá Chris (que se gaba: "Matava, antes mesmo de você ter nascido") afundado em fragilidade, frente à um câncer. A missão de ambos, mesmo embutida em meio a fascismo, ativistas, protesto, citação de torturas e traições, aparenta ser muito mais particular e individualizada. Tudo tão inesperado quanto as jocosas interações do protagonista com as imagens das estátuas moai (os "cabeças grandes"), descoladas do campo sagrado dos indígenas locais.

